

# A Virgem Abrideira de Bárcena de Pie de Concha: Devoção popular e Apotropismo

Clara Habib de Salles Abreu  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Algumas Virgens Abrideiras estão associadas a práticas populares de caráter apotropaico relacionadas à proteção em tempos de catástrofes naturais e assuntos como gestação, parto e infância, é o caso da Nossa Senhora da Consolação, uma imagem espanhola possivelmente datada do século XVII. Segundo uma tradição oral da comunidade de Bárcena de Pie de Concha, a Virgem Abrideira apareceu, miraculosamente, durante uma grave inundação evitando maiores catástrofes e foi venerada desse momento em diante em práticas populares para a proteção em casos de catástrofes naturais e por mulheres que estavam passando por uma gravidez difícil.

**Palavras-Chave:** Devoção popular; apotropismo; Virgem Abrideira

---

Some Opening Virgins are associated to popular practices of apotropaic character related to the protection during times of natural catastrophes and topics like gestation, birth and infancy. This is the case of "Nossa Senhora da Consolação", a Spanish image possibly dated from the XVII century. According to an oral tradition of the Bárcena de Pie de Concha community, the Virgin appeared, miraculously, during a serious flood, avoiding bigger problems and it was worshiped from this moment on in popular practices for protection in cases of natural catastrophes and by women going through difficult pregnancy.

**Keywords:** popular devotion; apotropism; Opening Virgin

O discurso oficial da cristandade ocidental sempre desconfiou do poder das imagens em realizar milagres. Uma postura mágica diante da imagem foi desaconselhada e condenada na Idade Média, por exemplo, na emblemática carta do Papa Gregório, e atingiu seu ápice com a condenação protestante no seio dos debates da Reforma e Contrarreforma. Ainda assim, os usos práticos e populares das imagens muitas vezes se afastavam das preceptivas teóricas e teológicas. De acordo com Freedberg:

Nenhum dos escritores, de Gregório a Lutero, aprovava a adoração de imagens milagrosas ou o culto das imagens de modo geral; mas essas eram, exatamente, o tipo de imagem que se estabelecia no centro da religiosidade das pessoas simples.<sup>1</sup>

A postura dos fiéis diante das imagens, ao longo da história, mostra a sobrevivência de práticas apotropaicas, como por exemplo, no caso da crença no surgimento milagroso de uma Virgem Abrideira na comunidade de Bércena de Pie de Concha no século XVII e o culto em torno dessa imagem. De acordo com Irene Hernando :

Temos registro de um pequeno núcleo de obras que estiveram vinculadas a práticas populares menos regulamentadas como facilitar um bom parto, trazer de volta a vida crianças natimortas ou evitar catástrofes naturais (secas, inundações, incêndios). Nestes casos, as abrideiras adquirem o estatuto de imagens milagrosas em torno das quais tem lugar uma série de práticas que poderíamos qualificar como populares [...]. Existem algumas evidências confiáveis que indicam que esses costumes tiveram sua origem na Idade Média, embora nós os conhecêssemos fundamentalmente através de notícias orais e referências contemporâneas dos séculos XIX e XX.<sup>2</sup>

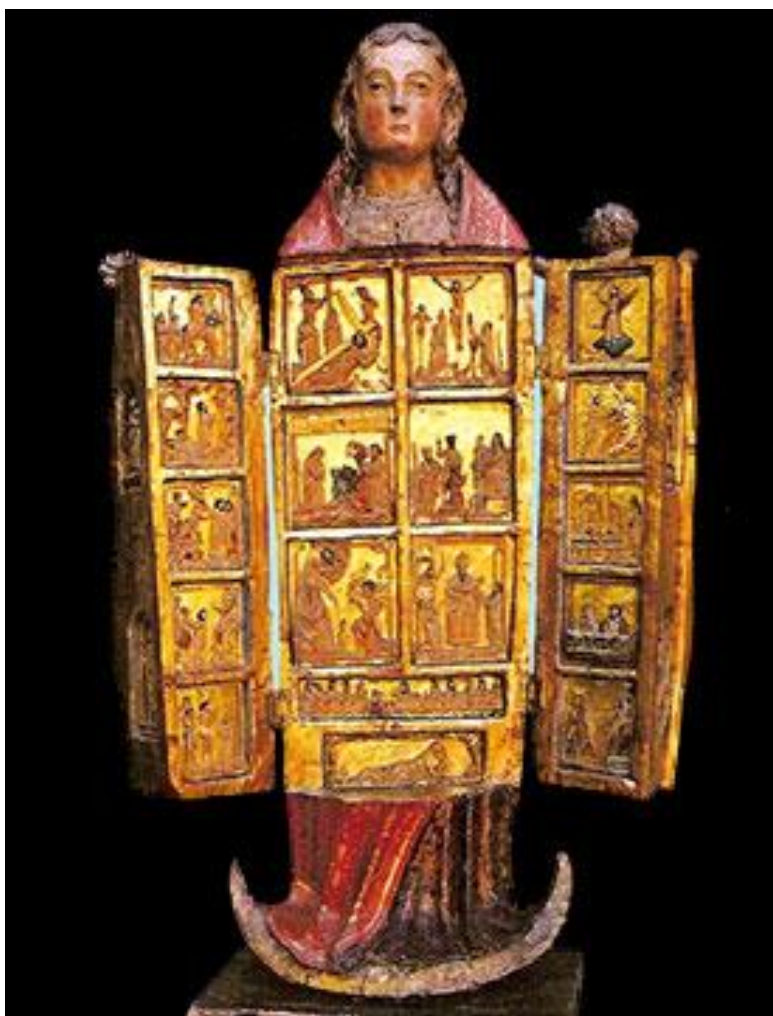
O modelo de imaginária chamado aqui de Virgem Abrideira se caracteriza como uma escultura da Virgem Maria, com ou sem o Menino Jesus, que se abre a partir do centro, formando uma espécie de tríptico, e dentro encontram-se outras esculturas, baixos-relevos e/ou pinturas que representam temas como a Santíssima Trindade, cenas da vida da Virgem ou de Cristo. A fábrica de tal modelo de imaginária teve seu ápice na Baixa Idade Média, mas sobreviveu, em menor escala, até a Idade Moderna como o caso da imagem de Bércena.

---

<sup>1</sup> "None of the writers, from Gregory to Luther, approved of the adoration of miracle-working images or cult images generally; but these were exactly the kinds of images that lay at the center of religiosity of simple folk." (FREEDBERG, 1991, p. 399)

<sup>2</sup> "Ha quedado registro de un pequeño núcleo de obras que estuvieron vinculadas a prácticas populares menos regladas como facilitar el buen parto, devolver la vida de los niños nacidos sin vida o evitar catástrofes naturales (sequías, inundaciones, incendios). En estos casos, las abriederas adquieren el rango de imágenes milagrosas en torno a las cuales tienen lugar una serie de prácticas que podríamos calificar de populares [...]. Hay algunos indicios fiables que indican que estas costumbres tuvieron su origen ya en la Edad Media, aunque nosotros las conocemos fundamentalmente a través de noticias orales y referencias contemporáneas de los siglos XIX y XX." (HERNANDO, 2011, p. 104)

A Virgem Abrideira de Bárcena de Pie de Concha, chamada de Nossa Senhora da Consolação, é uma escultura de madeira dourada e policromada. Quando fechada, a escultura representa a Virgem Maria segurando o Menino Jesus que tem os braços abertos, e com a lua crescente sob os pés. Quando aberta ela apresenta baixos relevos com um rico programa iconográfico representando passagens da vida de Cristo e alguns Santos. Do lado esquerdo, encontramos a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, oração no Monte das Oliveiras, prisão de Jesus, Jesus diante de Pilatos e a Flagelação, ou seja, cenas que fazem parte do ciclo da Paixão de Cristo. Ao centro, encontramos cenas da Paixão, como o caminho para o Calvário, a Crucificação e a Última Ceia, como também representações da Natividade com os pastores, Epifania, Anunciação, Circuncisão e Maria Madalena com o perfume que teria usado para ungir os pés de Jesus. No lado direito estão representadas as passagens da Ascensão de Cristo, descida ao inferno, Sepultamento, a representação conhecida como Ecce Homo e o escárnio do Sinédrio. Nas laterais da escultura encontramos a representação de São Pedro, São Paulo, Santo André e um Santo ainda não identificado.



Nossa Senhora da Consolação, séc. XVI (?). Madeira dourada e policromada, 62 cm. (altura) x 21 cm. (fechada) x 30 cm. (aberta). Igreja de Santa Maria de Roimbre, Bárcena de Pie de Concha, Comunidade Autônoma da Cantabria, Espanha.

Tanto o aparecimento milagroso da imagem de Bárcena quanto o culto dedicado a ela estão envoltos em uma atmosfera de misticismo. De acordo com uma lenda local do século XVII – possível data de feitura da obra – a imagem apareceu, miraculosamente, durante uma grave inundação evitando maiores catástrofes e foi venerada desse momento em diante.

O aparecimento milagroso da imagem a vincula diretamente com a tradição de imagens acheiropoieticas. O termo Acheiropoietica é utilizado para identificar imagens que tiveram surgimento milagroso por uma das seguintes maneiras: imagens que são consideradas espécies de impressões milagrosas conseguidas a partir do contato com o modelo original, como o “Véu de Verônica” ou o “Santo Sudário”; ou imagens que supostamente não foram criadas por mãos humanas, como a Virgem da Consolação. A tradição de aparecimento dessas imagens teve lugar no Império Bizantino, mas se expandiu para o ocidente medieval e sobreviveu, conforme demonstrado, até a Idade Moderna. Não por acaso, as imagens archeiropoieticas, na maioria das vezes, também possuem funções apotropaicas. No caso da Virgem da Consolação, um dos seus usos apotropaicos é relacionado ao seu surgimento, uma imagem que apareceu milagrosamente em uma enchente e foi, dali em diante, invocada para a proteção na ocorrência de chuvas fortes.

A imagem de Bárcena, entretanto, não foi a única Abrideira que esteve associada à proteção em casos de catástrofes naturais como chuvas fortes e enchentes – ou, no extremo oposto, em tempos de seca prolongada e incêndios. Segundo o relato do século XVII, da Irmã Candide de Port-Royal, transcrito e interpretado por Depoin, existia a tradição de abrir a Virgem de Maubuisson em tempos de seca com a confiança de que ela proporcionaria água<sup>3</sup> e, segundo Hernando, a Virgem de Cheyres-Yvonand teria freado um incêndio em 1836<sup>4</sup>.

Retornando ao caso de Bárcena, também de caráter apotropaico foi o culto popular que se estabeleceu em torno da Virgem da Consolação ao longo do século XVII. Segundo uma tradição oral da comunidade, a imagem era aberta com o objetivo de proteger mulheres que estavam passando por uma gravidez difícil. Irene Hernando relata que, segundo o depoimento dado a ela pelo sacerdote de Bárcena, Adolfo Torralbo em 2005 “[...] quando vinha um parto difícil se abriam as “entranhas” da Virgem da Consolação buscando sua proteção. No entanto, este uso foi abandonado na atualidade.”<sup>5</sup>

Notícias orais também relatam práticas apotropaicas modernas em torno de algumas Abrideiras medievais em cultos para a proteção da gestação, do parto e até da vida espiritual de natimortos. Caso surpreendente é o da Virgem de Antagnod, uma imagem medieval que, no século XVII, foi resignificada e adotada como imagem

---

<sup>3</sup> DEPOIN, 1883, p. 10/11.

<sup>4</sup> HERNANDO, 2011, p. 108.

<sup>5</sup> “[...] cuando venía un parto difícil se abrían las “entrañas” de la Virgen de la Consolación buscando su protección. Sin embargo este uso se ha abandonado en la actualidad.” (HERNANDO, 2011, p. 307)

miraculosa, se tornando parte de uma prática popular chamada de "rito do respiro". Segundo Hernando, a imagem de Antagnod

Desde o século XVII, adquire fama da imagem milagrosa e passa a ser conhecida como *Notre-Dame la Miraculeuse*. É provável que a talha participasse de uma prática de devoção popular conhecida como o rito do respiro, que consistia em colocar as crianças que nasciam sem vida ao lado da imagem da Virgem e orar até que elas demonstrassem um mínimo traço de vida. Com isso, se conseguia que a criança fosse ressuscitada milagrosamente por alguns instantes, os necessários para ser batizada e poder ser enterrada como cristão. Foi uma prática muito difundida no Valle d' Aosta após a Contrarreforma, como forma de oposição aos protestantes que subestimavam a importância do batismo.<sup>6</sup>

Sobre outra imagem medieval, a Virgem Abrideira de Bergara, Sorondo relata que "*As pessoas também costumavam ir a Nossa Senhora com flores brancas, para interceder por alguma mulher que começava a sentir dores no parto.*"<sup>7</sup>. Também existiam cultos desse caráter em torno da Abrideira medieval de Autun.

Em Autun lhe imploravam um bom parto (*bonne délivrance*) por meio de uma aparatosa cerimônia em que levavam oferendas e cantavam a Salve Rainha enquanto o pároco abria as portas da escultura e colocava as roupas do futuro bebê em contato com a parte interior da Virgem.<sup>8</sup>

Nem sempre é possível saber – como no caso da resignificação da Virgem de Antagnod no século XVII – quando os usos apotropaicos das Abrideiras tiveram início. É possível que essas práticas modernas em torno das Abrideiras remontem à Idade Média e tenham relações com os medos medievais dos perigos do parto e à devoção à Virgem Maria, cuja tradição diz ter dado à luz sem dor. Os sofrimentos do parto teriam uma ligação direta com o pecado original, assim, Maria, em oposição à

<sup>6</sup> "Desde el siglo XVII adquiere fama de imagen milagrosa y se la empieza a conocer como Notre-Dame la Miraculeuse. Es probable que la talla participase de una práctica de devoción popular conocida como el rito del respiro, que consistía en colocar a los niños que habían nacido sin vida junto a la imagen de la Virgen y rezar hasta que diesen un mínimo indicio de vida. Con ello se conseguía que el niño resucitara milagrosamente por unos instantes, los necesarios para ser bautizado y poder ser enterrado cristianamente. Fue una práctica muy difundida en el Valle d'Aosta a raíz de la Contrarreforma, como medio de oposición a los protestantes que subestimaban la importancia del bautismo." (HERNANDO, p. 290)

<sup>7</sup> "También solían acudir personas a Nuestra Señora con flores blancas, para interceder por alguna mujer que comenzaba a sentir dolores de parto." (SORONDO, 1982-1983, p. 6).

<sup>8</sup> "En Autun le imploraban buen parto (*bonne délivrance*) en medio de una aparatosa ceremonia en que llevaban ofrendas y cantaban el Salve Regina, mientras que el pároco abría las puertas de la escultura y ponía en contacto los vestidos del futuro bebé con la parte interior de la Virgen." (HERNANDO, 2011, p. 105)

Eva, teria concebido imaculadamente e seria imune ao sofrimento. Esse status de Maria facilmente moveria um sentimento de empatia das mulheres grávidas que buscavam proteção em sua devoção àquela Virgem que havia dado a luz sem dor, imune aos perigos que as outras mulheres, contaminadas pelo pecado original, estavam submetidas. Orações à Virgem Maria e o uso de amuletos associados a ela durante o trabalho de parto eram práticas comuns na Idade Média<sup>9</sup>. As visões de Santa Brígida, na Idade Média, também estabeleceram uma forte relação de Maria com a maternidade. A visionária, inclusive, clamava que a Virgem a teria salvo no parto difícil de um de seus filhos<sup>10</sup>.

Na teia desses diálogos entre tradição medieval e sua sobrevivência nas práticas modernas, também é necessário considerar as relações formais e simbólicas das Virgens Abrideiras com objetos, tais como tabernáculos eucarísticos e relicários – principalmente aqueles antropomórficos<sup>11</sup> como, por exemplo, a Virgem Relicário de Cluny – e também com o próprio conteúdo sagrado desses objetos.

No campo formal, observamos que, todos esses objetos, relicários, tabernáculos e Abrideiras, tem em comum o mecanismo de abrir e fechar. Eles só possuem o seu conteúdo sagrado visível ao público por meio desse movimento que representa o esconder e o revelar, potencializando assim o mistério e o poder daquele conteúdo. Nas palavras de Schmitt "*O sagrado subtrai-se aos olhares para melhor se fazer desejar [...]*".<sup>12</sup>

No campo simbólico partimos inicialmente da ideia do corpo da Virgem como veículo para a Encarnação de Deus no mundo, ou seja, um recipiente do sagrado<sup>13</sup>, assim como tais objetos. A Virgem Relicário de Cluny, inclusive, supostamente guardava em seu interior a relíquia do cordão umbilical de Cristo que, de acordo com Collin de Plancy, em seu *Dicionário crítico de relíquias e imagens miraculosas*<sup>14</sup>, era mostrada para as mulheres grávidas com o objetivo de facilitar o trabalho de parto<sup>15</sup>.

Logo, torna-se possível também uma associação simbólica das Abrideiras com as próprias relíquias que, por sua vez, são conhecidas, desde a Idade Média, pelos seus poderes apotropaicos. A crença na Assunção do corpo da Virgem dificulta a existência de suas relíquias corpóreas, justificando a grande importância dada às

---

<sup>9</sup> SCHAUS, 2006, p. 667.

<sup>10</sup> MELLON, 2008, p. 137.

<sup>11</sup> Existem hipóteses de que Virgens Relicários – relicários antropomórficos representando a Virgem Maria – e Virgens Tabernáculos sejam antecedentes das Abrideiras, ao menos no aspecto formal e simbólico já que as Abrideiras não guardavam relíquias ou hóstias em seu interior, impedindo uma associação funcional.

<sup>12</sup> SCHMITT, 2007, p. 285.

<sup>13</sup> BYNUM, 1987, p. 268

<sup>14</sup> COLLIN DE PLANCY, J. *Dictionnaire critique des reliques et des images miraculeuses*. Paris: Guien et Compagnie Libraires, 1821. (3 Tomos).

<sup>15</sup> "On le montrait aux femmes grosses [...] afin de les faire accoucher sans travail". (COLLIN DE PLANCY, 1821, Tomo II, p. 47. Nesse trecho, o autor atribui esse uso à relíquia do prepúcio de Cristo, mas aparentemente ele se confunde. O autor se corrige e esclarece essa confusão no tomo III, p. 230, afirmando que, na verdade, a relíquia utilizada na proteção dos partos era o cordão umbilical de Cristo e não o prepúcio como ele havia afirmado anteriormente.

reliquias secundárias de Maria, como por exemplo, seu anel de casamento, que, não por coincidência, também teria poderes de proteção no parto. Collin de Plancy também relata, em seu *Dicionário*, que "*Entre os muitos milagres que o anel da Santa Virgem fez por toda parte, ele tinha, sobretudo a virtude de proporcionar às mulheres um parto bem sucedido.*"<sup>16</sup> A ausência das relíquias corpóreas da Virgem e a raridade das secundárias como o anel, também estimulariam a percepção das imagens de Maria como "*quasi-reliquias*"<sup>17</sup>. Essa noção eleva assim, as imagens de Maria, como por exemplo, as Abrideiras, a um status de relíquia e facilita que essas imagens sejam alvo de usos similares aos das próprias relíquias.

A veneração das relíquias e das imagens milagrosas foi um assunto especialmente sensível desde a Idade Média. Apesar de gozarem de um maior prestígio do que as imagens, a legitimidade do culto às relíquias nem sempre foi unânime ao longo da Idade Média. Para o Bispo Cláudio de Turim, por exemplo, o culto às relíquias, assim como a veneração das imagens, não passava de idolatria<sup>18</sup>. Entretanto, foi na Idade Moderna, mais especificamente durante a Reforma, que a crítica às relíquias assumiu maior fervor. Com argumento similar, os reformadores, que negavam a qualquer custo o poder das relíquias e das imagens, associavam seus usos aos rituais supersticiosos dos pagãos. Para Calvino, as relíquias eram coisas frívolas que necessariamente levavam à supertição e, pior, à idolatria, visto que a honra que os católicos destinavam a elas só poderia ser destinada a Jesus Cristo e não a ossos ou objetos encontrados ao acaso que a Igreja Católica tentava convencer os fiéis de sua legitimidade<sup>19</sup>. Ao longo de seu tratado, Calvino cita numerosas relíquias e se dedica a mostrar como não poderiam ser verdadeiras. O reformista questiona, inclusive, a veracidade do anel da Virgem, um objeto luxuoso que não poderia ter pertencido a uma mulher tão modesta que vivia em estado de pobreza<sup>20</sup>.

Os católicos, por sua vez, reafirmaram o culto aos santos, às sagradas relíquias e o uso legítimo das imagens na última sessão do Concílio de Trento, realizada entre os anos de 1562 e 1563. No que diz respeito à veneração das relíquias o decreto afirma que

Também os santos corpos dos santos mártires e de todos os outros que vivem em Cristo, que foram membros vivos do Cristo e templo do Espírito Santo e por ele hão de ser ressuscitados e glorificados para a vida eterna, devem ser venerados pelos fiéis; através deles, muitos benefícios são concedidos por Deus aos homens, de tal forma que os que afirmam que não se devem venerar nem honrar as relíquias dos santos [...], devem ser absolutamente condenados, assim

<sup>16</sup> "Parmi les nombreux miracles que faisait par tout l'anneau de la sainte Vierge, il avait surtout la vertu de procurer aux femmes un heureux accouchement." (COLLIN DE PLANCY, 1821, Vol. II, p. 166.)

<sup>17</sup> Segundo Katz a ausência de relíquias corpóreas da Virgem estimulariam a percepção dos próprios relicários e imagens da Virgem com um status de "quasi-reliquias". (KATZ, 2011, p. 9)

<sup>18</sup> SCHMITT, 2007, p. 295.

<sup>19</sup> CALVINO, 1854, p. 218.

<sup>20</sup> CALVINO, 1854, p. 251

como outrora os condenou e ainda agora os condena a Igreja.<sup>21</sup>

Era necessário, entretanto, mais do que nunca, cuidar para que as práticas em torno das imagens e relíquias não fossem confundidas com superstições como na Idade Média, já alertava o Papa Gregório. Assim, apesar de atestar a legitimidade do uso das imagens e do culto às relíquias, os decretos do Concílio alertam que

Se em tais observâncias santas e salutarens insinuarem-se abusos, o Santo Sínodo deseja ardentemente aboli-los por completo [...]. [...] suprima-se toda superstição na invocação dos santos, na veneração das relíquias e no uso sagrado das imagens [...].<sup>22</sup>

Tais instruções para a veneração das relíquias e uso correto das imagens sagradas nitidamente se estendiam ao uso das imagens supostamente milagrosas como as Abrideiras aqui em questão.

Embora as práticas apotropaicas em torno das Virgens Abrideiras fossem, como vimos, pouco ortodoxas e não aprovadas pelo discurso oficial da Igreja, a iconografia das Abrideiras modernas e alguns de seus usos, eram autorizados e estavam alinhados aos ideais da Contrarreforma<sup>23</sup>. O objetivo ortodoxo das Virgens Abrideiras na Idade Moderna possivelmente seria estimular no fiel uma meditação sobre a Paixão de Cristo e sobre o sofrimento de Maria diante da missão de seu filho. Tal possibilidade atinge pleno sentido se considerarmos que as Abrideiras modernas possuem, em seu interior, majoritariamente passagens relacionadas à paixão de Cristo. É possível que essas esculturas fossem utilizadas tanto em práticas de devoção privada quanto publicamente em festas litúrgicas como, por exemplo, a festa das *Dores de Maria*. Sobre as chamadas *Abrideiras da Paixão*, Hernando esclarece:

Foi o único tipo de Abrideiras que, embora tenha surgido no final da Idade Média, teve projeção na Idade Moderna. Estas obras, que em sua maioria deveriam servir para meditar sobre as dores da Virgem durante a Paixão de seu Filho, se adequavam bem às novas necessidades religiosas, pois potencializavam a empatia do fiel com o sofrimento espiritual de Maria. Em vez de censuradas, as Abrideiras da Paixão foram aceitas e encorajadas pela hierarquia política e

<sup>21</sup> DECRETO SOBRE A INVOCAÇÃO, A VENERAÇÃO E AS RELÍQUIAS DOS SANTOS In: LICHTENSTEIN, 2004, p. 67

<sup>22</sup> DECRETO SOBRE A INVOCAÇÃO, A VENERAÇÃO E AS RELÍQUIAS DOS SANTOS In: LICHTENSTEIN, 2004, p. 68

<sup>23</sup> As Virgens Abrideiras, em si, não foram proibidas pelo discurso contrarreformista, com exceção das chamadas "Abrideiras Trinitárias" que desde o final da Idade Média sofriam a acusação de serem representações perigosas, pois poderiam dar a entender que as Três Pessoas da Santíssima Trindade teriam encarnado no ventre da Virgem Maria. Tal discurso ganhou força na Contrarreforma e teve seu ápice com a proibição desse tipo de representação pelo Papa Bento XIV no século XVIII. Já as chamadas Abrideiras da Paixão, continuaram a ser produzidas e utilizadas ao longo da Idade Moderna.



eclesiástica do momento, sendo a Península Ibérica e América os principais centros de produção dessas obras.<sup>24</sup>

Apesar da permissão eclesiástica para a fábrica e uso correto das *Abrideiras da Paixão* na Idade Moderna, seus usos, por vezes, assumiram aspectos apotropaicos não ortodoxos, possivelmente herdeiros das tradições medievais e certamente mal vistos tanto pelos reformistas quanto pelo discurso oficial da Igreja Católica que precisava se proteger das acusações protestantes. Ainda assim, notamos uma longa sobrevivência dessas práticas apotropaicas, como atesta o culto em torno da Virgem da Consolação em Bârcena de Pie de Concha, mostrando uma distância sensível entre o discurso oficial da Igreja e os usos práticos das imagens, principalmente na esfera da religiosidade popular.

### Referências Bibliográficas

BYNUM, Caroline W. *Holy Feast, Holy Fast: the religious significance of food to medieval women*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1987.

CALVINO, *Treatise on Relics*. Edinburgo: Johnstone and Hunter, 1854.

COLLIN DE PLANCY, J. *Dictionnaire critique des reliques et des images miraculeuses*. Paris: Guien et Compagnie Libraires, 1821. (3 Tomos).

DECRETO SOBRE A INVOCAÇÃO, A VENERAÇÃO E AS RELÍQUIAS DOS SANTOS In: LICHTENSTEIN, J. *A Pintura: Textos Essenciais vol. 2 A Teologia da Imagem e o Estatuto da Pintura*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DEPOIN, J. La Vierge ouvrante de Maubuisson. Notice historique In: *Mémoires de la Société Historique et Archéologique de l'arrondissement de Pontoise et du Vexin*, vol. IV, pp.13-23, 1883.

FREEDBERG, D. *The power of images. Study in the history and theory of response*. Chicago e Londres: The University of Chicago, 1991.

HERNANDO, Irene. *El arte bajomedieval y su proyección*. Temas, funciones y contexto de las Vírgenes abrideras tríptico. Editorial Académica Española, 2013.

KATZ, Melissa. Marian Motion: Opening the Body of *Vierge Ouvrante*. In: ZCHOMELIDSE E FRENI. *Meaning in Motion: The Semantics of Movement in Medieval Art*. Princeton University Press, 2011.

KATZ, Melissa. *Behind Closed Doors: Distributed Bodies, Hidden Interiors, and Corporeal Erasure in "Vierge ouvrante" Sculpture*. RES: Anthropology and Aesthetics, No. 55/56, Absconding (Spring - Autumn, 2009). pp. 194-221.

<sup>24</sup> "Fue el único tipo de abrideras que, aunque surgido en la Baja Edad Media, tuvo proyección en la Edad Moderna. Estas obras, que en su mayoría debieron servir para meditar sobre los dolores de la Virgen durante la Pasión de su Hijo, se adecuaban bien a las nuevas necesidades religiosas, pues potenciaban la empatía del fiel hacia el sufrimiento espiritual de María. En vez de ser censuradas, las abrideras de la Pasión fueron acogidas e impulsadas por la jerarquía política y eclesiástica del momento, siendo la Península Ibérica y América los principales centros de producción de obras." (HERNANDO, 2011, p. 247)

MELLON, Joelle. *The Virgin Mary in the Perceptions of Women: Mother, Protector and Queen Since the Middle Ages*. Mc Farland, 2008.

RUBIN, Miri. *Mother of God: A History of the Virgin Mary*. New Haven & London: Yale University Press, 2009.

SCHAUS, Margaret C. (Ed.) *Women and Gender in Medieval Europe: An Encyclopedia*. New York & London: Routledge, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens*. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007

SORONDO, Imanol. Las ermitas de Bergara: estudio etnográfico-histórico. In: *Anuário de Eusko Folklore*, vol. XXXI, pp. 173-223, 1982-1983.